tresta por onde olhar

ana elisa ribeiro

tresta por onde olhar

2008
belo horizonte

fresta por onde olhar, poemas

copirraite © 2008 de Ana Elisa Ribeiro

Esta obra não pode ser reproduzida integralmente.
Poemas e trechos podem ser copiados, desde que se dê
crédito à autora.

Contato
anadigital@gmail.com

ISBN 978-85-908072-0-9

RIBEIRO, Ana Elisa. Fresta por onde olhar.

Belo Horizonte: Editorial Interditado, 2008. 64 p.

Projeto gráfico e diagramação
Ana Cristina Ribeiro e Ana Elisa Ribeiro

Revisão de texto
Ana Elisa Ribeiro

Foto de orelha
Jorge Rocha

Consultoria de produção gráfica
Bruno Brum

Para a Carla, o Milton e a Sandra;
para o Adilson, a Mônica e
o Marcelo (*in memoriam*),
incentivadores de perversidades.

alada e leve

Para quê escrever? Essa não é uma questão fácil de responder. Eduardo Frieiro ponderou: "Para quê? Para nada. Mas justamente esse nada – a ilusão literária – é tudo para certa raça de imaginativos".

Há dez anos, eu trabalhava na redação do jornal *O Tempo* e fui escalado para escrever uma resenha sobre a coleção Poesia Orbital, que reunia mais de 60 livros. Depois de ler todos os volumes, confesso que apenas alguns chamaram minha atenção. Entre eles, destacava-se justamente *Poesinha*, que já dava pistas sobre a qualidade da autora. Ana Elisa, desde ali, já demonstrava intimidade na lida com as palavras.

Depois de *Poesinha* veio *Perversa* (Ciência do Acidente, 2002) e, agora, o terceiro livro, em que mais e mais se reforça aquela impressão que a leitura de seus poemas me deixou. Não é aconselhável tentar aprisionar a poesia em uma só definição, mas a do poeta Carl Sandburg me parece a mais próxima do que a poesia significa neste século: "a poesia é o diário de um animal marinho que vive na terra e que gostaria de voar". É exatamente desse estranhamento – essa sensação de não pertencer e de não deixar ser pertencido ao seu tempo e lugar, ao mesmo tempo que, paradoxalmente, se é um poeta do tempo presente – que a poesia parece extrair sua força, nesses tempos pós-utópicos e pós-qualquer-coisa. Poeta é "nave falha".

Nesse contexto, percebo a poesia insinuante da Ana, marotamente, driblando esse estranhamento com suas próprias armas, mas também afirmando-o. Primeiro, ela insiste em pintar ângulos diferentes de um mesmo tema, tal como Paul Cézanne criava suas naturezas-mortas no começo do século passado, ou oferecendo cinco versões de um grupo de jogadores de cartas ao redor de uma mesa ou, ainda, apresentando pelo menos oito versões da Montagne Sainte-Victoire. Sobre isso, dizia o pintor: "o mesmo assunto visto de um ângulo diferente oferece um tema de estudo do maior interesse e tão variado que poderia me ocupar dele durante meses, sem mudar de lugar, inclinando-me ora mais à direta, ora mais à esquerda".

A respeito das "obsessões" de Ana Elisa – as relações amorosas, a própria poesia, um eu lírico tentando definir-se –, pode-se dizer que a poeta as desenha com muita ironia e humor, ora inclinando-se para o erotismo, ora para o lirismo, ora para uma coloquialidade sem-vergonha, ora para tudo isso ao mesmo tempo. Depois, a poesia de Ana Elisa precisa ser compreendida na oscilação entre o texto verbal e a oralidade, entre a poesia tipográfica e a performance oralizada do poema. Se alguns poemas são identificados com a palavra impressa na página, outros, aparentemente mais informais, ganham ainda mais vida quando ditos pela poeta. Experimentem ouvir, na voz dela, poemas como "antiguidade d'onde viemos" ou "salvando o relacionamento".

Um terceiro ponto, talvez o mais importante, é aquilo que, na área econômica, primeiro o velho

Marx e, depois, Althusser identificaram como o fato de se chegar ao complexo passando pelo simples, e não o contrário. Também na poesia essa assertiva é válida. Ana Elisa controla e regula referências pop e poéticas, "facilidades", mixando versos só na aparência "simples", mas que guardam, no conjunto, uma complexidade que só é capaz de urdir quem mergulha na alma das palavras. Carrego comigo meus favoritos, exemplos dessa característica: "mulher de terra", "vidente", "trapaça", "altura" e a seqüência de Penélopes.

E não se enganem quando Ana Elisa define assim sua poética: "Poesia deixa bolhas no ar. É um atrevimento. Mas vejam que ela consegue suspender tudo no último verso. Eu acredito em chave-de-ouro como ninguém. Um poema não pode ser em capítulos. Ele é tudo. Não digo daquela chave-de-ouro com rimas, mas do fechamento da idéia num zíper de aço cirúrgico. Precisão. O poema tem que conter. E deixar o leitor incontido". É mais, claro, mais que isso. Portanto, ó raça de imaginativos, eis aqui os versos de quem vive como se fosse alada, de quem corre o risco, de quem colhe a tempestade de amor e escreve sobre amores que não dão certo, sobre prazeres amorosos na voz dublada de um desenho de Hanna Barbera. Versos para espiar com elegância e leveza.

Fabrício Marques
março de 2008

antigüidade d’onde viemos

Péricles disse
que a maior virtude
de uma mulher
era ficar calada.

Péricles se fodeu.

Péricles, hoje,
levaria uma surra
dada por mil mulheres
como eu.

mendel, meu amor

Nasci no inverno,
quase na primavera.

Sou filha de
um tórrido cruzamento
entre uma bela bromélia
e um boêmio hibisco.

Vou viver pouco.
Topo tudo.
Corro o risco.

mulher de terra

I.
Cuidado com esta minha rudeza
que é parede áspera
pra que você não veja
minha imensa delicadeza

[...]

III.
Sou mulher de orelha pequena
de lobo aderente
tenho buço de portuguesa
mão fria, coração quente

IV.
Sou tua guia
pro céu e pro inferno
Não visto saias
Prefiro teu terno

V.
(...)

renascença

A casa em que eu vou morar
com meus homens
quase todos
fica em um terreno
plano e raro
na região nordeste
da capital
na esquina exata entre
os meus sonhos
e as tarefas
de dona-de-casa.

É um terreno
quase quadrado
simétrico e alinhado
com as duas ruas
que o ladeiam.

Embaixo dele é aterro.
Sobre ele plantarei meu último suspiro.

A casa é antiga e feia.
Depois que me tornei

dona dela,
chamei um engenheiro
que reformou o meu futuro.

Comprei janelas caras.
Refiz os batentes das portas.
Reorganizei o telhado,
mas ele continuou de vidro.

Ainda não há armários
onde eu possa guardar
minhas roupas quase iguais.
Meus sonhos,
que eram imensos,
haverão de caber dentro
das caixas de sapatos.

Na mudança,
estarei muito preocupada
em trazer meus anéis
e minhas memórias,
mesmo as que estão
quase apagadas,
e os relógios,
por onde meço
meus desapegos.

Nesta casa,
viverei minha infância.
Minha velhice será lenda.
Gosto da nova casa,
onde nem tudo
será novidade,
mesmo quando constato, aliviada,
que lá de dentro
não vejo nada.

Não há vista,
nem há os lados.
Apenas os muros
altos e fechados
e o céu zenital
jamais alcançado.

buquê

Sou fácil, sim,
mas sou de
uma sofisticação danada.

Não gosto de flores.
Não me dobro com cantadas.

Sou do tipo que
não se conquista
com qualquer
buquê de palavras.

reza

eu me distraio ajoelhada
nos grãos duros
do que virou a minha vida

minhas lembranças
são ficção
e se comparo meus dias
aos meus desejos
sou desertora

se eu deixasse estar
passaria o tempo
queimando meus desejos
em velas acesas
em intenção de santa rita

meus desejos realizados
viraram vigas
e os que são ainda desejos
já viraram ruína

popularesca

Cadê aquela ironia?
Boi bebeu
E aquela alegria?
Fogo queimou
E aquele tesão?
Água fria apagou

Mas não há de ser
nada não, violão
Ainda sinto
as asinhas de fora
Se passar aqui um dragão
Logo me aprumo
e vou-me embora

cultivo

planta vento,
poeta que me arremessa

tempestades-ninfas virão
entregar-te confissões
da musa inquieta

planta o vento sossegado
que aponta ao leste
e colhe a tempestade de amor
que tu mesmo fizeste

bem-servida

[iguaria para servir crua]

esta carne branca
crua, quase franca
quase nua
é pra ser tua

pra ser comida rente
muito quente

bem-servida
é pra ser bebida

na dúvida,
crava o dente

dois poetas

beijos se atiram
do Acaiaca
improvisos de saliva
regem uma ária em lá maior
e o poeta invade a musa.

Na língua,
um sabor de carne intempestiva

a musa-poeta responde
com pêlos
afaga-lhe os cabelos

a cidade desanoitece aliviada
a vida atribulada
tem pausa para desmaiar

sossego de saliva e vinho
abraço de quase alturas
alinhando palavras
no corpo

a saliva hortelã dela
pede ar
ele amortece o carinho
com o lábio
a vida é obrigada
a verter hálito

ano começa com finezas
chocolate e vinho chileno
poesia confessa
e amor ameno

vandalismo

nada me fez sentir,
amor, o amor

restringe minha movimentação
à tua cama paulistana

te canto um poema
recém-feito
às quatro da matina

e em cada teu poro aberto
escrevo: ana

desvão

desvão esconso
tonto

cérebro torto
corpo oco

seu rosto flagrado
no topo
no cume mais morto

do meu próprio
torso
em fogo

desorientação

levo cinco luas minguantes
pra remendar
um afeto partido

outras cinco luas crescentes
pra curar
amor vivido

e estes amores
que não dão certo
levo séculos,
a céu aberto,
tentando ver
onde mesmo
estava a Lua

olhando a Lua

[em duas versões que não se completam]

víamos a lua
esfera amarela
pelo teto solar

pra ele:
um romance

pra mim:
um Dramin

dos amores difíceis

Eu me socorri da asfixia
de amar uns amores tolos
desses que
desbastam os amigos
e desfazem
os calores do corpo.

Também fugi das prensas
que desatinam
e desovam parentes
no limbo da memória.

Corri para longe
das grades
do amor irrefreável.

Assim como despejei litros
de amor confesso
na privada.

Foi fácil viver
como se fosse alada.

nossa questão

Centelha
é quando o fogo risca,
mas não pega,
só assusta.

Faísca é quase chama,
mas não custa,
brilha só por um momento.

Chispa faz barulho,
mas não queima;
lampeja,
mas não vinga;
escorre,
mas não pinga.

raso

Não me movo
neste espaço
por acaso.

Entre um lado e outro
destes braços
tem um raso.

Ímã, fivela, argola,
nada disso
cola.

alada

Se não me dissessem
que eu tinha asas,
eu não as notaria.

Até porque jamais voaria.
Nem ia pensar em planar.

Minha mitologia
é muito ordinária
pra que eu pense
em tirar os pés do chão.

raff

Gostava de vê-lo nublado.
Dentro do box,
parecia uma pintura.
Do lado de fora,
era apenas esboço.

poro

Depois de uma rinha,
ele foi dormir
fora de casa.

Achei que seria uma festa.

De madrugada, no entanto,
acordei com o cheiro forte
da ausência dele.

Enfrentei a manhã
passando algodão úmido
nos meus poros,
que sangravam.

poema tântrico

avaria
meu pulmão cheio de cacos
inspira sálvia

expira molhando os lábios
de uma lembrança
muito próxima
e muito tanta

mas meu delírio
não é de planta
de erva, de tantra

é, sim, deste dia
[anomalia
em minha vida dia-a-dia]
cheio de prazeres amorosos
na voz dublada
de um desenho
de hanna barbera

minha saudade queima
e a magia já era

sem ele

ele me falta
[ ]

enche o imenso espaço
entre meus braços
de sua ida

suicido-me amanhã
logo pela manhã
se não achar saída

penélope horrorosa

teci duas manhãs
enquanto esperava

desci minhas ladeiras
mais de mil vezes
e piores eram
as ladeiras dele

penélope nervosa

entre esquecer e lembrar
tomei vários copos
de água com luz
e teci mais uma noite
de sereno

noites de espera
são lentas
de fio opaco e largo
noites de espera são
vários fios de manhã
mil dias de avó
e milhões de corações
de mãe preocupada
noites de espera
fazem cânceres

penélope matemática

fiz tranças com
os nossos dias

três partes de nós:
duas minhas
uma dele

desigual
mas justo

na proporção deste amor

altura

do alto de você
eu vejo tudo o que existe.

do alto de você
não caio, não arrisco
não me fodo.

do alto de você
tenho asas, cascas,
lascas e brasas.

e mesmo que eu caísse,
subiria,
arrastando pedras,
pro alto de você de novo.

vidente

Os seus olhos
eram moréias.
Cartilagem aparecia
dos talos dos seus dedos.
Fiquei presa
numa teia de quases.

Um dia, um nunca
me disse que já era hora.
Quando abri
as folhas da janela,
o dia rareava
e era o último
a me deixar viver
vida de moça solta.

Daquela manhã em diante,
abracei as raízes
que seus pés vertiam
e plantei seu nome
nas beiradas
dos meus espelhos,
assim como

em todas as saídas
desta cidade
de desesperos.

O dia agora ejeta projetos
marcados para a virada
dos milênios.

trapaça

para o Jorge

O seu cheiro
de tabaco caro
A sua lâmina
de cortar assunto
O seu andar de lamento
A sua tocha
de atear sonhos
O seu olhar de improviso
O seu custo, o seu preço, o seu aviso

Quando me apaixonei
eu era um rio cheio
de afluentes poluídos

O seu amor gastou saliva
minha ruína em reforma
Troquei meu destino barroco
Por um tapete
de fios espaçados

Seu perfume de prenúncio
sua gentileza
de príncipe etrusco

suas mãos de alicerce
seu sexo de imprevisto

Desta muda aquiescência
nasceu um talvez

Que vinga

peças em pau-marfim

A linha dos olhos
faz flechas
da cor de futuros

As mãos formam conchas
de pegar contentamentos

Os pés são grandes
como as telas
holandesas realistas

O corpo inteiro
é um tabuleiro
de jogar jogos de azar

As costas quadriculadas
As coxas quadriculadas
A boca quadriculada

Onde eu me finjo
de dama

mulher maravilha

sonhei que era uma amazona
vestida de máscara e cetro

detesto cavalos
rodopiava num Volks veloz

queria um rapto rápido
a vítima estava escolhida

e dava cavalos-de-pau
erguia o cetro e dizia
com voz de aeroporto:
“linda carter é morta!”

minha vítima, sonada,
acendia a luz
e abria a porta:
“daqui a pouco
vai ser você,
ô idiota!”

visitante

bem-vindo à minha cidade.
estou toda às ordens,
fique à vontade.

Mas finja, por favor,
enquanto estiver aqui,
que este amor
é de verdade.

salvando
o relacionamento

eu sei, meu bem,
que seu sonho é comer
uma sueca alta loura boa

finge, meu amor,
fecha o olho e finge

o meu cabelo
a gente tinge.

lampejos matinais

I.
6 da manhã
você desperta
eu, alerta

II.
desde ontem acordada
você dorme
eu, nada

III.
beijo sua foto na tela
você, laser
eu, vela

IV.
se provoco
seus desejos
você, boca
eu, beijos

V.
eu e você em guerra
você, ares
eu, terra

VI.
alinha sua vida
com a minha
você, rei
eu, rainha

VII.
só você na minha teia
você, solto
eu, cadeia

VIII.
vai até o fundo
você, mapa
eu, mundo

ciuminho básico

escuta
calado
a proposta rude
deste meu ciúme:

vou cercar tua boca
com arame farpado

pôr cerca elétrica
ao redor dos braços
na envergadura
pra bloquear o abraço

vou serrar teus sorrisos
deixar apenas os sisos

esculhambar com teus olhos
furá-los com farpas
queimar os cabelos

acendo no torso uma tocha
que se apague apenas
ao sinal da minha volta

finco ao fundo uma placa
“não há vagas, vagabundas”
na bunda ponho uma cerca

proíbo os arrepios
exceto os de medo

e marco no lombo, a brasa,
a impressão única
do meu dedo.

personagem

Não sei se ele gosta de vinho ou de samba. Se aprecia dança ou se votou no Lula. Se tem livros comprados em bancas ou se curte rodadas de xadrez. Eu acho tudo isso chato.

Do vinho eu aproveito a cor. Da dança, o gesto. Os livros eu compro na Internet. O resto eu divido entre o lixo e o quartinho de despejo do meu apartamento.

Não sei em que dia ele nasceu. Nem qual é seu signo ascendente. Se dirige ou se lê no ônibus. Se tinha boas notas na escola ou se é casado. Se os filhos que porventura tenha já estão crescidos.

Acontece que nada disso importa se a finalidade é experimentar um romance vertiginoso e brincar de esconde-esconde com esta vidinha.

hi-fi

Eu estou sempre
na sua área de cobertura:

beijando outro,
em roaming;
na cama,
reloading.

trágica

meu galego
não conhecia minha ira

era dono do meu corpo
meu espírito de porco

sabia minha ginga
minha pletora,
minha míngua

conhecia cada fresta
cada trinca, cada aresta

cada vinco, furo, fissura,
mau humor, amargura

mas da minha ira
condenada ira
ira de maldita

ira de mulher
fêmea exata
ana saliente

uterina, enfezada
ele não sabia nada

(meu galego dorme
esta noite no IML)

cantiga da ribeirinha

[com a licença de Paio Soares Taveirós]

Neste mundo
sou único
na minha espécie

ninguém
comigo se parece

tanto para menos
quanto para mais
dedico a ti
todos os meus ais!

Maldito o dia
em que saquei, ai,
que eras bela.

E além de boa,
eras casada
com homem da coroa.

Maldito o dia
em que te vi
quase pelada
vestida de quase nada
pele branca e carmim
e eu cá comigo: ai de mim.

Ai, maldita perversa,
se fosses feia,
eu não boliria contigo
não ganharia inimigo
não correria perigo.

cantiga do amor fodido

Não me demoro
deitada em peito algum
Nem espalho
em qualquer corpo
minha anca de metro

Faço amor de fingimentos
mas vivo-o a espaços
saltitando entre desgastes
com ardor
de chama ao vento

Trago do seu corpo
a memória deste tato falho
orvalho salgado, rebarbas

O amor é fodido, meu amor,
Não se demora na lembrança
e nem se cansa
de parecer esparso
Como se fosse fácil
amar sem ser gasto

é mesmo

eu quero um amor que dure
mas ele parece ser feito
da matéria esparsa dos calendários

alguém que me procure
que me deseje
que me proteja
que não me esqueça
que me aconteça

mas tudo me faz crer
que não há quem me mereça

notas e agradecimentos

O poema Cantiga da Ribeirinha é uma recriação do poema Cantiga de Guarvaya ou Cantiga da Ribeirinha, de Paio Soares Taveirós, escrito em 1189 e considerado o primeiro texto escrito em língua portuguesa.

Vários poemas deste livro foram publicados em jornais, revistas e sites como: Suplemento Literário (MG), O Casulo (SP), Pitanga (Portugal), Semana de Design do Café com Letras (MG). Também foram publicados em coletâneas de poesia.

Dedico estima, admiração e agradecimentos a meus amigos e interlocutores neste e em outros projetos: Ana Cristina Ribeiro, Ana Elisa Novais, Bruno Brum, Camila Diniz e Suplemento Literário, Carlos Herculano Lopes, Eduardo Ribeiro Rocha, Fabrício Marques, Guga Schultze, Guiomar de Grammont, Jorge Rocha, José Eduardo Gonçalves, JR Lemmon, Luiz Roberto Guedes, Pilar Fazito, Ricardo Aleixo, Sérgio Fantini, Valter Hugo Mae, Wilmar Silva e Alfredo Albuquerque.

índice

alada e leve, 7
antigüidade d'onde viemos, 11
mendel, meu amor, 12
mulher de terra, 13
renascença, 14
buquê, 17
reza, 18
popularesca, 19
cultivo, 20
bem-servida [receita para servir crua], 21
dois poetas, 22
vandalismo, 24
desvão, 25
desorientação, 26
olhando a Lua [em duas versões...], 27
dos amores difíceis, 28
nossa questão, 29
raso, 30
alada, 31
raff, 32
poro, 33
poema tântrico, 34

sem ele, 35
penélope horrorosa, 36
penélope nervosa, 37
penélope matemática, 38
altura, 39
vidente, 40
trapaça, 42
peças em pau-marfim, 44
mulher maravilha, 45
visitante, 46
salvando o relacionamento, 47
lampejos matinais, 48
ciuminho básico, 50
personagem, 52
hi-fi, 53
trágica, 54
cantiga da ribeirinha, 56
cantiga do amor fodido, 58
é mesmo, 59
notas e agradecimentos, 61

Este livro foi impresso no mês de abril do ano da graça de 2008,
na gráfica O Lutador, com tiragem de 500 exemplares. Os papéis
utilizados foram Pólen Bold 90g para miolo e Cartão Supremo 250g,
com laminação fosca para a capa, que foi colada a quente e costurada.
A fonte utilizada foi Perpetua, corpos 20 e 12, e a obra foi composta
no programa InDesign, da Adobe.